



GT 22. Cartografia Social, Megaempreendimentos, Conflitos Sociais e Povos e Comunidades Tradicionais

Coordenador(es):

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA - Universidade do Estado do Amazonas)

Patrícia Maria Portela Nunes (UEMA - Universidade Estadual do Maranhão)

O objetivo do G.T consiste em analisar a relação entre a implantação de megaprojetos de mineração, infraestrutura e logística e seus efeitos socioambientais a partir do mapeamento das estratégias globalizadas de desenvolvimento executadas na Amazônia e no Cerrado, com base na representação dos próprios povos e comunidades atingidos. Um elemento comum dos projetos que investem na mineração refere-se à concentração fundiária sob o domínio de grupos de interesse vinculados aos agronegócios e à extração mineral e de gás e petróleo. Os efeitos mais pertinentes concernem ao modo como o aquecimento do mercado de terras e a respectiva tendência ascensional dos atos de compra e venda, juntamente com o aumento da grilagem, tem inviabilizado a reprodução física e cultural destes povos e comunidades, desestruturando radicalmente a vida social e as modalidades de uso comum dos recursos básicos. Em termos jurídicos tem-se a usurpação das terras tradicionalmente ocupadas e por extensão das chamadas “terras comunitárias”. Tal fato pode ser observado tanto na Amazônia, quanto no Cerrado e em outras regiões do País, com a destinação de grandes extensões de terras para a monocultura (soja, algodão, eucalipto, cana-de-açúcar), pecuária extensiva, extração mineral e obras de infraestrutura ou de escoamento da produção (rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, oleodutos, gasodutos, hidrelétricas e parques eólicos).

Desafios e potenciais na formação de Centros de Ciências e Saberes

Autoria: Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)

Este work visa analisar os resultados iniciais do projeto ?Nova Cartografia Social de Comunidades Quilombolas do Nordeste: Fortalecimento de Centros de Ciências e Saberes?. O projeto objetiva a estimular a formação de espaços que possibilitem o mapeamento social dos efeitos da expansão dos agro e hidronegócios sobre os processos diferenciados de territorialização de comunidades tradicionais. Este work incide sobre as atividades desenvolvidas em comunidades quilombolas/pescadores do recôncavo da Bahia, e de fundos e fechos de pasto do oeste, centro e norte da Bahia. Tal mapeamento inscreve-se no repertório de mobilizações e de lutas dessas comunidades para a garantia e preservação dos seus direitos territoriais, visando o fortalecimento de seus modos de vida. Estes centros estão sendo orientados pela formação de espaços de diálogo e de construção de conhecimentos durante a realização de mapeamentos sociais que buscam fortalecer a preservação dos direitos territoriais e modos de vida das referidas comunidades. O mapeamento também objetiva analisar os impactos do agro e do hidronegócio sobre os territórios tradicionalmente ocupados, levando em consideração, a expropriação de territórios, contaminação de recursos naturais, limitação de acesso aos recursos, restrições dos sistemas de produção tradicionalmente adotados, bem como mapear situações de desmatamento e devastação relacionados à expansão do agro e hidronegócio nas regiões. Tal análise visa avaliar os impactos ambientais decorrentes do desmatamento, do uso de agrotóxico e da implantação dos monocultivos, dos empreendimentos turísticos, da produção de energia e dos megaprojetos de forma geral. Uma primeira linha de análise decorre de uma renovação de perspectivas das próprias instituições representativas das comunidades tradicionais, que num campo de tensões e contradições buscam uma adequação de suas tradições visando estarem alinhadas a um novo contexto social na qual os modos de vida se estruturam. Destaco o contexto de uma maior escolarização dos



agentes sociais, fator na qual conhecimentos acadêmicos são treinados desde muito cedo, e nem sempre se apresentam correlacionados com os espaços nas quais os conhecimentos tradicionais são apreendidos e atualizados. Há um potencial de expansão das atividades de organização comunitária, como as de comercialização, buscando ampliar formas de renda. Há uma grande entrada de integrantes destas comunidades em universidades públicas, que estão se capacitando para adquirir novos repertórios que podem colaborar na resolução de conflitos socioambientais. Por outro lado há uma aparente deslocamento de atividades levando a pessoas destas comunidades não se dedicarem a apreender conhecimentos relacionados a atividades agrícolas, pecuária e extrativismo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: